

possíveis articulações entre ficção, clínica e teoria. Sob essa ótica, vemos como é fecunda a freqüente citação que Freud faz da máxima de Polonius, em *Hamlet*: “*your bait of falsehood takes this carp of truth*” (“sua isca de falsidade fiska a carpa da verdade”).⁷

Convergência, maio de 2004

⁷ W. Shakespeare, *Hamlet*, Ato II, cena I, v.61. London: Longman (New Swan Shakespeare Advanced Series), 1968.

CONVERGIR REPETIR ELABORAR

Robson de Freitas Pereira

“conhecer é inserir algo no real;
é, portanto, deformar o real”

Carlo Emilio Gadda¹

“Hoje em dia não é mais pensável uma totalidade
que não seja potencial, conjectural, múltipla”

Ítalo Calvino²

O movimento *Convergencia* está realizando seu segundo Congresso Internacional, até este momento sua atividade mais representativa em termos de uma tentativa de envolvimento do conjunto das instituições que a compõem. Na verdade, esta é a terceira reunião; pois o segundo congresso (Paris 2001, Rio 2004) marca a reafirmação do ato fundacional realizado em Barcelona.³

Para os psicanalistas, *atualizar* uma fundação está situado na mesma lógica que preside o ato analítico, em outros termos, atualizar os efeitos do discurso do qual um psicanalista se produz (como sublinha Lacan no seminário sobre os quatro conceitos fundamentais: “atualizar a realidade do inconsciente”). Poderíamos ser mais precisos ao reafirmar que se um psicanalista é sintoma da psicanálise, sabemos que sua responsabilidade não é menor quando inventa reuniões para tentar investigar a atualidade das questões cruciais da prática de uma ética.

¹ Carlo Gadda citado por Ítalo Calvino in “Seis propostas para o próximo milênio”, Cia das Letras, SP, 1990.

² Ítalo Calvino, “Seis propostas para o próximo milênio”, capítulo sobre a multiplicidade como característica essencial da literatura.

³ Houve uma reunião pré-fundacional, também em Barcelona, mas estamos considerando o momento de assinatura da Ata de Fundação.

Nos congressos de *Convergencia* temos uma repetição, na medida que são reuniões onde a cada três anos espera-se contar senão com a totalidade, pelo menos com a maioria de seus convocantes, com uma diferença significativa: os dispositivos são diferentes. Não vamos entrar numa discussão detalhada sobre suas diferenças, mas apenas sublinhar que há uma modificação a cada congresso⁴. Poderíamos fazer uma avaliação ligeira e supor que trata-se de alguma falta de confiança num dispositivo imutável; ou que ainda não encontramos o modo de funcionamento ideal. São hipóteses; entretanto, preferimos acreditar que hoje as mudanças no modo de apresentação e discussão dos trabalhos são efeito de um processo de elaboração que se constrói em cada reunião da Comissão de Enlace Geral articulado com os enlaces regionais e sustentado por cada uma das instituições.

Trata-se de suportar as diferenças de língua, cultura e formação e construir uma transferência de trabalho que vem levando em conta estas diferenças. O que não acontece sem conflitos.

Porém, até o momento, tem prevalecido a confiança na palavra e no desejo que sustentou a fundação de *Convergencia* sobre as incertezas e desconfianças. Isto tem como conseqüência uma sustentação das organizações locais (Barcelona, Paris e agora Rio de Janeiro) para levar adiante uma atividade tão importante como um congresso. E não somente por sua habilidade administrativa é bom lembrar. Parece que ao conseguir relançar o projeto, reafirma-se o ato fundacional e, simultaneamente, a possibilidade de “reinventá-lo”, neste sentido de reconhecer o momento em que estamos e viabilizar algumas modificações.

Nos reunimos em uma situação onde questões cruciais estão lançadas não somente para a *Convergencia*, mas para o movimento psicanalítico em geral. Tanto no plano conceitual, onde as elaborações de Lacan ainda não foram completamente discutidas e já enfrentam o risco de uma banalização

⁴ Discussão a respeito pode ser acompanhada no texto de Luciano Elia, nesta edição do Correio.

(ou pelo menos de uma perda de força característica da transformação de um conceito numa palavra de senso comum), como ocorreu com as descobertas freudianas, hoje tão absorvidas pela cultura cotidiana. Assim como no âmbito da conjuntura política, onde os psicanalistas, de uma maneira geral, estão tendo sua prática cada vez mais regulamentada pelo Estado.

Assim, uma primeira questão se impõe: como continuar enfrentando simultaneamente estas duas vertentes? Lacan quando propôs que a psicanálise deveria ocupar-se da “extensão e da intensão” talvez estivesse abrindo um caminho para nossa impossível tarefa. A clínica psicanalítica se expandiu, mas apesar de seu crescimento ela não conseguiu chegar “aos subúrbios dos grandes centros urbanos”. Pelo menos no Brasil isto é visível, ressaltando-se as louváveis exceções. Por outro lado, a prática dos psicanalistas em instituições das mais diversas (hospitais, ambulatórios, etc.) ainda carece de mais sustentação por parte das próprias instituições psicanalíticas.

Será um problema de transmissão ou de resistência? A transmissão de um estilo não pode reduzir-se a um jargão; por mais rigoroso e efetivo que ele se proponha ser. Atualmente, somente a repetição de um “jargão lacaniano” parece não despertar mais a mesma curiosidade e entusiasmo que levou a expansão do lacanismo no Brasil até meados dos anos 90. A questão implica em não perder o rigor e, simultaneamente, evitar que as palavras percam o efeito por se transformar numa “língua” em que se comunicam os iniciados.

Outro derivado desta situação: os psicanalistas são clínicos especialistas na psique ou intelectuais que participam dos debates da atualidade? Nos parece que esta é uma falsa dicotomia que esquece os esforços tanto de Freud quanto de Lacan de debater com o pensamento de seu tempo. Isto não pode ser confundido com culturalismo, nem tampouco com a prática de fazer uma psicanálise aplicada à cultura. Se o inconsciente está estruturado como uma linguagem, ele não é uma língua e a *alíngua* (*lalangue*) é tributária da cultura que a recebe, quer dizer as letras que a precedem estão inscritas, mas o sujeito não conhece sua significação *a priori*.

Por último, mas não finalmente, uma pergunta que concerne ao próprio crescimento de *Convergencia* (que talvez se articule com a intensão e

extensão citadas): como crescer interna e externamente? Em outras palavras, estamos diante da tarefa de provocar um incremento da atividade intra-institucional (entre as associações que já se filiam à *Convergência*) e hetero-institucional (articulação com outras instituições que não fazem parte do movimento). Sabemos que as singularidades regionais jogam um papel importante – a situação de Paris não é a mesma de Buenos Aires, por exemplo – entretanto, *Convergência* talvez possa se firmar como um espaço de referência, onde as dificuldades possam ser debatidas e, eventualmente, algumas propostas inovadoras possam surgir de sua multiplicidade.

O SUJEITO DO INCONSCIENTE EM QUESTÃO

Mario Fleig¹

Lacan introduz no campo da psicanálise a noção de “sujeito do inconsciente” na sua discussão com Jean Hyppolite em 1954. Trata-se do “verdadeiro sujeito”, na medida em que “o que diz o sujeito que fala, por mais vazio que de início possa ser seu discurso, toma seu efeito da aproximação que ali se realiza da fala, na qual converteria plenamente a verdade que seus sintomas exprimem”.² O que significa tal expressão? Como é possível ligar sujeito com inconsciente? Que diferença há entre dizer “sujeito do inconsciente” e “inconsciente do sujeito” ou “sujeito inconsciente”?

Freud formulou a hipótese do inconsciente e com isso criou um problema: como ter acesso ao inconsciente? Seria uma espécie de outra consciência? Ou então, nada poderíamos dizer sobre o inconsciente? Ora, tanto a psicanálise pós-freudiana quanto correntes teóricas recentes tentam se desfazer deste conceito freudiano. Frente a isso, Lacan reintroduz a interrogação freudiana a respeito do estatuto do inconsciente. Freud se refere ao mesmo como sendo uma hipótese³.

Freud tenta resolver essa questão através da metapsicologia, com a diferenciação, por exemplo, entre dois sistemas, o sistema inconsciente e o

¹ Psicanalista, membro da APPOA, membro da Associação Lacaniana Internacional, professor no PPG-Filosofia da UNISINOS. E-mail: mfleig@terra.com.br

² J. Lacan, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 372. Este texto é uma reformulação da lição de 10.02.1954 proferida no Hospital Sainte Anne, e publicado em *La Psychanalyse*, em 1956, quando então é acrescentada a expressão “sujeito do inconsciente”.

³ Por exemplo, em *O chiste e sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905c, em *Studien Ausgabe*, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, v. 4, p. 166), afirma que não tem provas de sua concepção do inconsciente, tanto no chiste quanto no sonho, e somente é possível chegar a isso através de inferência, que lhe permite entrar neste âmbito “estranho e novo para o pensar, que se chama ‘hipótese’, e acertadamente não se considera uma ‘prova’ ou nexo dessa hipótese com o material a partir do qual ela é deduzida. Somente é considerada ‘provada’ se se chega a ela por outro caminho, se podemos pesquisá-la como o ponto nodal também de outros nexos”.